

Nesta edição oferecemos mais um importante trabalho de Miroslav Hroch, desta vez abordando os estreitos vínculos entre a construção da nacionalidade e a escrita da “história nacional”. Um requisito básico para uma comunidade ser reconhecida interna e externamente como nação é a sistematização de um *corpus* narrativo destinado a legitimar sua existência, disseminar valores e garantir a seus membros certa imortalidade. Como os intelectuais respondem em grande parte por esta tarefa, a emergência e a afirmação das nações é um processo paralelo à produção do saber acadêmico moderno. Distanciando-se das idéias de nações “históricas” e “não-históricas”, Hroch mostra como a elaboração da “história nacional” entrecruza referências a comunidades variadas e explora diferentes possibilidades de “nacionalizar” o passado.

As premissas do modelo convencional de modernidade, que no campo político se manifesta no Estado-nação, são questionadas por Otávio Velho em “A comunicação como paradigma da experiência religiosa”. Embora certas narrativas vinculem a religião unicamente à tradição, cresce a demanda pela religiosidade associada à experiência pessoal. Ao invés de desaparecer, a religião vai mudando e, segundo a tese secularista, só sobreviveria ao se tornar mais racional. Algo similar acontece na esfera da comunicação. Tal processo pode incluir formas diversas pelas quais noções são difundidas por meio da lin-

guagem racional e simbólica. Nesse âmbito, é plausível um reencontro entre os dois veios de estudos da religião: tradição e experiência. Entender as religiosidades de nosso tempo parece crucial para pensar modernidades alternativas.

O ensaio de Ana Maria Roland, pesquisadora do **Observatório das Nacionalidades**, orienta-se por uma questão teórica: as limitações epistemológicas da sociologia no trato da arte. Suas reflexões, amparadas na perspectiva de análise que procura conciliar poética e linguagem com sociologia e história, são provocadas pelo filme *Amarelo Manga*. Trata-se de uma obra rica em possibilidades de leitura tanto do ponto de vista da cinematografia quanto da representação do povo e da cultura. A autora aponta os laços entre cinema e literatura moderna e, ainda, põe em relevo um eixo da construção da nacionalidade brasileira, nossas heranças ibéricas.

Os conflitos na área denominada Terra Indígena Raposa Serra do Sol ensejam grandes debates sobre a afirmação da nacionalidade brasileira na fronteira norte. Odileiz Cruz, lingüista da Universidade Federal de Roraima, examina as formas cotidianas de vida dos Ingarikó (Kapon) que habitam a região do *Circum-Roraima*. A mediação entre a literatura e o depoimento destes índios no decorrer da pesquisa de campo permite visualizar seu contato com diferentes povos indígenas e suas estratégias de organização política diante da sociedade nacional. Observando essa dinâmica, Odileiz revela a absorção de novos elementos culturais pelos nativos.

Daniele Ellery e Léa Carvalho, da Universidade Federal do Ceará, investigam comparativamente a formação das identidades nacionais em Cabo Verde e Guiné-Bissau. A partir dos processos de libertação nacional ocorridos naquelas ex-colônias portuguesas, discutem as controvérsias que cercam a idéia de nação. O trabalho demonstra o modo diverso como ambos os países travam embates em torno dos elementos que marcariam a construção de suas nacionalidades, no período compreendido entre a guerra de independência até os dias atuais.

O desenvolvimento de tecnologias de uso militar é sempre motivo de tensão nas relações internacionais. Um artigo de Waldimir Longo na edição precedente relacionou o desenvolvimento da tecnologia militar com a afirmação da autonomia nacional. Agora, Cláudio Ferreira analisa as políticas externa e nuclear da Índia. Durante a Guerra Fria, mais precisamente entre 1947 e 1964, Nehru, ao tempo em que optava pelo não-alinhamento e pregava a solução pacífica dos problemas mundiais, conduzia um bem-sucedido programa de armas nucleares alimentando a aspiração ao *status* de grande potência.

Em face das crises profundas vividas pela nação estadunidense, nada mais forte do que um negro na Casa Branca para simbolizar a busca de unidade e igualdade. Jeffrey Frank comenta o pronunciamento de Barack Obama sobre o histórico das relações raciais nos EUA e a significação dos apoios à sua candidatura. Frank nota como este discurso, ao omitir o papel de Martin Luther King e do Movimento dos Direitos Ci-

vis, foi mais do que uma estratégia eleitoral; colocou em pauta o próprio conceito de raça e minimizou o legado da escravidão para o desenvolvimento do capitalismo. Como procederá Obama para recompor a projeção mundial dos Estados Unidos e legitimar o uso da força? O artigo destaca que o desempenho do primeiro presidente negro dos EUA no tocante às mudanças prometidas estará vinculado à pressão dos movimentos sociais.

Ao completar três anos de publicação regular, *Tensões Mundiais* adentra a fase de consolidação graças à contribuição recebida de autores de notório reconhecimento e à participação de novos talentos. O valor das matérias difundidas e a complexidade crescente das relações entre os Estados nacionais estimulam o prosseguimento desta iniciativa do Observatório das Nacionalidades.

Os editores